

ANA PAULA RODRIGUES ALVES
CAMILLE VICTÓRIA WELLER
GABRIEL EDUARDO DA SILVA CORDEIRO
JOSIANE MILBRATZ
MARIA LÚCIA HOFFMANN
MORGANA GOMES LEAL DUARTE
VITÓRIA WOLFF SILVA

**Vício em telas e a dificuldade de socialização entre os estudantes do IFSC no
contexto pós-pandemia**

ANA PAULA RODRIGUES ALVES
CAMILLE VICTÓRIA WELLER
GABRIEL EDUARDO DA SILVA CORDEIRO
JOSIANE MILBRATZ
MARIA LÚCIA HOFFMANN
MORGANA GOMES LEAL DUARTE
VITÓRIA WOLFF SILVA

Vício em telas e a dificuldade de socialização entre os estudantes do IFSC no contexto pós-pandemia

Projeto de pesquisa desenvolvido no Programa Conectando Saberes do Curso Técnico em Modelagem do Vestuário do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul – Centro, como requisito de integração entre as unidades curriculares e como eixo condutor à pesquisa.

Orientadora: Kelly Machado Pinho Alflen
Coorientadores: Carlos Eduardo Deodoro Rodrigues, Kyanny Onofre Pompilio, Selomar Claudio Borges.

Jaraguá do Sul
2023

SUMÁRIO

1 TEMA.....	3
2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	3
3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	3
4 HIPÓTESES.....	4
5 OBJETIVOS.....	4
5.1 OBJETIVO GERAL.....	4
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	4
6 JUSTIFICATIVA.....	5
7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / REVISÃO DE LITERATURA.....	6
7.1 O VÍCIO NAS TELAS.....	6
7.1.1 O método Mindfulness.....	7
7.2 A SOCIALIZAÇÃO NAS ESCOLAS.....	7
7.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA.....	9
7.4 A RELAÇÃO ENTRE O VÍCIO EM TELAS E A DIFICULDADE EM SOCIALIZAR....	10
8 METODOLOGIA.....	11
9 CRONOGRAMA.....	12
REFERÊNCIAS.....	14

1 TEMA

Vício em telas e a dificuldade de socialização entre os estudantes do IFSC no contexto pós-pandemia.

2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O vício nas telas e a possível complicação na comunicação dos alunos que cursaram a primeira e segunda fase (primeiro ano do ensino médio) no segundo semestre de 2023 no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, Campus Jaraguá do Sul - Centro.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

A principal característica da Geração Z¹ é que, esta foi a primeira a crescer completamente imersa na era digital, tendo desde muito pequenos acesso a inúmeras fontes de conhecimento e domínio sobre o fluxo de informações. Isso implica em um pensamento muito mais individual e um sentimento maior de autonomia, diferente das gerações anteriores, visto que possuíam o acesso a informação mais restrito se comparado aos jovens da atualidade.

As gerações passadas buscavam se informar sobre o que acontecia no mundo através de livros, jornais, rádio, cinema, música, e até pela televisão. “A primeira cidade brasileira a contar com telefonia móvel celular foi o Rio de Janeiro, em 1990” (Di Rocha, 2014 *apud* Soares; Câmara, 2016, p. 206), a partir disso, depois de aprimoramentos, o conhecido celular passou a fazer parte da sociedade brasileira. Com isso, as pessoas que nasceram depois desta época, estavam de certa forma familiarizadas com esse novo tipo de tecnologia.

Chegando aos dias atuais, o celular é considerado algo indispensável em diferentes esferas da vida, principalmente pela intensificação do uso das redes sociais com a Geração Z, que consigo trouxe além da diversão, a necessidade de estar sempre conectado.

¹ Para Reis e Tomaél (2017) a Geração Z é um grupo de pessoas que se “desenvolveram em contato com computadores, dispositivos móveis, com a velocidade dos meios de comunicação e informação e outros recursos tecnológicos”.

Diante do exposto, elaboramos a seguinte pergunta: Quais são os aspectos que mostram vantagens e desvantagens apresentadas pelos adolescentes dessa geração que são demasiadamente expostos às telas, e qual a sua relação com as dificuldades ao socializar presencialmente em determinados ambientes?

4 HIPÓTESES

- O uso constante do aparelho celular pode causar nos estudantes das quatro turmas do integrado do segundo semestre de 2023, um tipo de medo irracional de ficar sem se conectar a internet, chamado de nomofobia². Isto nos faz socializar menos, por achar outros assuntos desinteressantes.
- A dificuldade de socialização se dá por consequência do isolamento durante a pandemia da COVID-19, quando os jovens ficaram, na sua maioria, sem educação de qualidade, e mais adeptos ao uso sem monitoramento das redes sociais. Com isso, os estudantes se tornaram “enferrujados” na hora de voltar a socializar.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Relacionar as possíveis interfaces entre o vício em telas e as possíveis dificuldades de socialização dos alunos que cursaram a primeira e segunda fase (primeiro ano do ensino médio) do segundo semestre de 2023, no câmpus do Centro do Instituto Federal de Santa Catarina de Jaraguá do Sul.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar e discutir a frequência que os sujeitos de pesquisa ficam diante da tela diariamente;

² De acordo com Teixeira *et al.* a nomofobia “representa a angústia ou medo desproporcional de ficar sem o celular e sua conexão com o mundo virtual”.

- Identificar e discutir a frequência das interações sociais presenciais pré e pós a pandemia da COVID-19 entre os sujeitos de pesquisa;
- Problematizar as relações de socialização que esses sujeitos mantêm atualmente.
- Analisar a correlação entre a falta de sociabilidade e a exposição à aparelhos eletrônicos;

6 JUSTIFICATIVA

Atualmente a dificuldade na socialização é um problema que aflige pessoas de todas as idades, gêneros, raças, e classes sociais. A partir disso foi identificado que é comum encontrar adolescentes com dificuldades de socialização em nosso próprio espaço de convívio social, a escola.

Os jovens que hoje estão no primeiro ano do ensino médio, tiveram que se isolar perante ao mundo devido a pandemia da COVID-19, entre seus 12 e 14 anos de idade, aproximadamente. Em casa, essas pessoas se tornaram cada vez mais propensas ao sedentarismo, procrastinação, e ao vício em aparelhos eletrônicos. Essa combinação de fatores fez com que se expressassem sintomas de doenças mentais, como transtornos de ansiedade, depressão, entre outros.

O tema sobre o vício e dificuldade em socializar é de total importância e relevância para o grupo, visto que todos os integrantes da pesquisa já se sentiram ou se sentem dependentes de seus próprios celulares, ou das redes sociais, jogos, e até relacionamentos virtuais. Além disso, ao entrar para o IFSC, encaramos os desafios de ter que recomeçar a criar relações afetivas de forma física com as pessoas, vindas de contextos de vida muito diferentes dos nossos próprios.

A partir disso, o grupo optou por realizar uma pesquisa com os estudantes que cursaram o primeiro ano do ensino médio no IFSC Jaraguá do Sul - Centro no segundo semestre de 2023, com o objetivo de entender e problematizar suas perspectivas sobre esse problema tão presente em nossa sociedade.

7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / REVISÃO DE LITERATURA

7.1 O VÍCIO NAS TELAS

O vício é um distúrbio que pode evoluir de forma progressiva e acarretar complicações graves, inclusive potencialmente fatais. O que define um indivíduo como dependente de algo é a incapacidade de controlar o uso de substâncias, objetos, ou certos comportamentos (Vanderschuren; Everitt, 2005 *apud* Rolnik; Sholl-Franco, 2006, p. 146).

A partir deste significado, pode-se dizer que com os avanços tecnológicos desde a década de 90, a Internet trouxe consigo diversas oportunidades para o desenvolvimento da sociedade, mas também, muitos problemas em relação ao seu uso. Assim novas formas de comportamento humano foram identificadas, principalmente em relação a este vício na Internet, dando origem então ao “Transtorno de dependência de tela” (Fortim; Araujo, 2013). Desde então, nota-se que, antes da atual “era digital” os pais tinham uma preocupação grande em relação ao tempo em que seus filhos ficavam em frente às telas, o que hoje em dia já faz parte de um hábito, no qual utilizamos as telas para tudo, inclusive para o tempo que seria de “lazer”.

Dessa forma, o atual fenômeno do uso indiscriminado de dispositivos eletrônicos, acarreta sérias consequências para a saúde física e psicológica dos adolescentes. Nesse sentido, um dos efeitos nocivos é a "síndrome dos olhos secos". Segundo Barros *et al.* (2021), ao passarmos muitas horas em frente às telas sem descansar, estamos expostos a uma condição que afeta a lubrificação e a umidade dos olhos, que está ligada a quantidade de vezes que deveríamos piscar por minuto (15 a 20 vezes), sendo que essa quantidade diminui para 3 a 5 vezes por minuto, quando estamos com os olhos fixos nas telas.

De acordo com Barros, Oliveira, Maia, Nilma e Almodin (2021, p. 2), pediatras afirmaram que “o tempo excessivo em frente à televisão e às telas do computador pode levar a distúrbios do sono, que estão associados ao mau desempenho escolar, fadiga ocular e esgotamento físico e mental”. Além disso, esses problemas podem

acabar evoluindo com o tempo, resultando em outros mais sérios como déficits de atenção, concentração e memória, dor de cabeça e tontura.

Diante dos problemas citados é recomendado que adolescentes entre doze e dezoito anos fiquem expostos às telas por duas a três horas por dia (Amâncio; Tana, 2023, p. 2).

7.1.1 O método Mindfulness

É sabido que há uma significativa abertura para diálogo e tratamento para as pessoas viciadas em drogas, como a comunidade dos Alcoólicos Anônimos (A.A.) e acompanhamento médico. No entanto, a sociedade acaba tendo uma visão distorcida dos vícios, tratando os indivíduos afetados como se fossem diferentes do restante da população. Contudo, é importante reconhecer que a dependência tecnológica pode ser tão ou mais impactante do que outros tipos de vícios.

A boa notícia é que como a maioria dos vícios, podemos desfazer e superar os sintomas negativos causados por eles. A autora Price (2018) sugere o uso de uma prática chamada “mindfulness” para o tratamento do vício nos celulares.

Esse método consiste em aprender sobre os gatilhos do vício para identificá-los, e assim, ao sentir a vontade, apenas “deixar passar”. Reconhecer que os impulsos do desejo são apenas “chamados da mente” é essencial para controlá-los e reconhecer suas emoções, para refletir também sobre como isso influencia no seu comportamento, estado físico e mental.

Price (2018) traz também o argumento de que diminuir o uso do celular repentinamente pode ser algo prejudicial, porque desta maneira, o indivíduo criará outro hábito para suprir a necessidade das telas, que pode até causar mais danos para atingir uma sensação semelhante.

7.2 A SOCIALIZAÇÃO NAS ESCOLAS

Lopes e Sadala (2020, p. 76) acreditam que:

A socialização é o trabalho de introduzir um indivíduo no laço social. É um processo que promove na criança a aprendizagem dos elementos que, de um modo geral, caracterizam a cultura na qual ela está inserida, tais como a linguagem, os costumes, os papéis sociais, os valores, os padrões de comportamento [...].

Além disso, estes mesmos autores citam Berger e Luckmann, que vão enfatizar a ideia de que o processo de socialização possui duas fases, a socialização primária (onde o primeiro contato do indivíduo é com a família) e a socialização secundária (onde o indivíduo tem um novo contato com a escola). Por este viés, a socialização secundária é considerada um momento extremamente dependente da primária (Lopes; Sadala, 2020, p. 76 *apud* Berger; Luckmann, 1985).

Rossi (2021) traz diversos sociólogos, como Adorno e Lahire, por exemplo, que explicam em diferentes visões o “como” e o “porquê” da socialização entre crianças e adolescentes é importante.

“Contudo, por mais habitual que tenha se tornado o uso desses recursos de comunicação, estes ainda são percebidos, do ponto de vista sociológico, coexistindo, de forma integrada, em ‘um contínuo on-offline’ [...]” (Miskolci, 2017 *apud* Rossi, 2021, p. 112).

O autor também nos lembra que desde pequenos somos ensinados a como tratar outras pessoas, a conversar corretamente com elas, a se colocar no lugar do outro, em outras palavras: como socializar (Rossi, 2021). Mas, depois que crescemos, somos levados para estudar em um novo ambiente, a escola, que, para Rossi (*apud* Rossi, 2021, p.111) “[...] funciona como uma pequena sociedade, onde indivíduos são treinados e docilizados para a vida na verdadeira sociedade.”

Ainda assim, nos tempos atuais, há muitos adolescentes com problemas de socialização, e têm-se a teoria que:

As relações sociais têm passado a se dar crescentemente de forma mediada pelo uso das tecnologias comunicacionais em rede e suas plataformas conectivas, o que não as transfere para outro espaço, tampouco as torna menos diretas [...] (Miskolci, 2017 *apud* Rossi, 2021, p. 111).

Rossi (2021), enfatiza que a ausência nas interações sociais entre pares no ambiente escolar, além do conteúdo curricular, são cruciais para a socialização de crianças e adolescentes. O autor considera tanto as visões clássicas, como a de Durkheim, que enfatiza a socialização como um processo passivo e coercitivo, quanto abordagens mais contemporâneas que reconhecem a agência ativa das crianças em seu processo de formação. A hipótese central é que a falta prolongada

de contato presencial prejudica o desenvolvimento de habilidades sociais, como empatia, essenciais para a formação de identidade e adaptação à vida social.

7.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA

A pandemia da COVID-19 teve início com o vírus SARS-CoV-2, que começou a contaminar no início de 2019. O marco zero da pandemia foi no mercado de animais vivos em Wuhan, na China. A partir de 2020 esta epidemia chegou ao Brasil, onde ocorreu uma grande expansão da doença, com um rápido fluxo de contaminações. Assim o governo estabeleceu um estado de calamidade pública, e a OMS (Organização Mundial da Saúde) em março de 2020 caracterizou a COVID-19 como pandemia, impondo a quarentena obrigatória para todos. Em decorrência disso as pessoas utilizaram mais tempo na tecnologia, assim surtindo um efeito considerável sobre os adolescentes no âmbito educacional, social, afetivo, psicológico e físico, esferas onde os adolescentes precisam de total suporte de seus responsáveis para se manterem estáveis. Porém, além de todas as limitações que a pandemia nos trouxe, agentes como a violência, o desemprego, e o aumento do uso de drogas lícitas, entraram na vida de muitas famílias, as desestabilizando, e comprometendo sua saúde, tanto física como mental (Souza *et al.*, 2020 *apud* Lima; Sousa, 2023).

”O estresse, um dos principais fatores observados durante estes períodos, impacta no desenvolvimento biológico da criança e do adolescente, além de produzir e reforçar comportamentos nocivos [...]” (Thompson, 2014 *apud* Manguiera *et al.*, 2020, p. 5).

No processo de tratamento de algum trauma pode acontecer de a criança criar mecanismos de defesa, que poderá acompanhá-la até a vida adulta, prejudicando qualquer âmbito da vida que apareça algum tipo de “gatilho” relacionado a este trauma. Esse processo é chamado de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Este transtorno pode ser agravante na vida social destas crianças, prejudicando a socialização da futura geração de adolescentes.

É de grande importância a estabilidade dos pais perante à uma situação de crise, já que têm grande influência no psicológico da criança e do adolescente, tanto

no presente quanto no futuro (Shannon MW *et al.*, 2006 *apud* Mangueira *et al.*, 2020). Realizar um acompanhamento psicoterapêutico e utilizar de outras terapias ajuda a criança superar o trauma para que não haja sequelas em seu futuro (Oral R *et al.*, 2016 *apud* Mangueira *et al.*, 2020). Pois é de conhecimento psicoterapêutico que traumas causados na infância contém grande influência na vida adulta. (Mangueira, 2020).

7.4 A RELAÇÃO ENTRE O VÍCIO EM TELAS E A DIFICULDADE EM SOCIALIZAR

A relação entre o vício em telas e a dificuldade em socializar é complexa e multifacetada³. O vício em telas, que pode incluir o uso excessivo de dispositivos eletrônicos, como celulares, tablets, computadores e videogames, pode afetar negativamente a capacidade de uma pessoa de interagir e socializar com os outros de várias maneiras.

Hoje em dia as crianças e os adolescentes, desde muito novos já possuem contato com os aparelhos eletrônicos, estão cada vez mais utilizando as telas do que na rua socializando com seus amigos. Segundo o estudo feito por Araújo *et al.* (2022) o uso de telas atrapalha o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

Em decorrência, os adolescentes estão gradativamente substituindo as amizades reais da escola, faculdade e etc por amizades virtuais pelas redes sociais.

Primeiramente, o uso intensivo de telas frequentemente resulta em isolamento social, uma vez que os indivíduos tendem a preferir a interação com dispositivos em vez de pessoas reais. Em segundo lugar, a dependência emocional dos dispositivos eletrônicos pode ocorrer, levando os usuários a encontrarem mais satisfação em conexões online do que em interações presenciais, porque é “dentro do ambiente virtual as pessoas podem brincar, brigar, amar e odiar, transformando esse lugar em um espaço de recreação e de mediação das relações interpessoais [...]” (Araújo; Moreira; Silva, 2022, p. 7-8).

Além disso, as interações online, que frequentemente se baseiam em mensagens de texto e mídias sociais, podem oferecer menos oportunidades para a

³ Segundo o Dicionário Online de Português a palavra “Multifacetado” diz respeito a algo que é formado por múltiplas faces, que possui muitos lados, multiface.

prática de habilidades de comunicação, incluindo a interpretação de pistas sociais e comunicação não verbal. Isso pode resultar em dificuldades na comunicação pessoal.

Por último, o uso excessivo de telas também pode contribuir para a ansiedade social, tornando os adolescentes menos confortáveis em situações sociais no mundo real, pois podem se sentir mais seguros e à vontade no ambiente online, além de que de acordo com Araújo, Moreira e Silva (2022), esse uso exacerbado das telas também pode confundir o adolescente, fazendo-o ter dificuldade em distinguir o que é real e o que é virtual.

Entretanto, é fundamental destacar que o impacto do vício em telas nas habilidades sociais pode variar de pessoa para pessoa, e os efeitos negativos não afetam a todos da mesma forma. O uso equilibrado da tecnologia pode trazer benefícios, como conseguir conversar com diversas pessoas do mundo todo a qualquer momento, buscar informações que necessárias de modo simples e rápido, ou até trazer a si comportamentos mais ágeis, novos modos de pensar, escrever e aprender (Nicolaci-da-Costa, 2002 *apud* Câmara; Soares, 2016), e estar ciente dos riscos associados ao uso excessivo de dispositivos eletrônicos pode ajudar a reduzir os impactos negativos. Estabelecer limites saudáveis para o uso de telas e incentivar a interação social no mundo real são estratégias indispensáveis para lidar com essa questão.

8 METODOLOGIA

Este projeto propõe a realização de uma análise sobre qual é a relação entre o vício em telas e a possível dificuldade em socializar entre os estudantes que cursaram a primeira e segunda fase no segundo semestre de 2023, do Curso Técnico Integrado de Modelagem do Vestuário e Química do IFSC - Câmpus Centro. A abordagem do projeto é de caráter qualitativo, assumindo também, uma pesquisa de campo.

Será feita uma pesquisa exploratória, com os objetivos de examinar quais seriam as relações entre a ausência de interação social com a exposição às telas. Além de também identificar e debater a quantidade de tempo que os participantes

passam diante da tela todos os dias. E por fim, problematizar as relações interpessoais que os participantes da pesquisa mantêm nos dias de hoje.

Com tais metas definidas, coletaremos os dados para a pesquisa através de um questionário eletrônico fechado. O questionário será feito pelo Google Forms, um serviço gratuito de criação de formulários on-line, que oferece uma grande variedade de recursos, incluindo a possibilidade de criar perguntas objetivas e descritivas.

Antes de aplicar o questionário, será necessário uma permissão para que possamos fazer esta pesquisa com seres humanos dentro do Instituto. Após a aprovação e já com o questionário pronto, buscaremos também a permissão dos professores para que possamos interromper por um curto período de tempo suas aulas, visto que faremos esta pesquisa em horário normal de aula, com os alunos que cursaram no segundo semestre de 2023, a primeira e segunda fase dos cursos técnicos integrados de Modelagem do Vestuário e Química. Esses alunos, no segundo semestre do ano de 2024 (período de aplicação do questionário), estarão nas terceiras e quartas fases de seus respectivos cursos.

Faremos estas visitas nas salas com QR codes, que fornecerão o acesso imediato ao formulário on-line, por meio de seus celulares.

A população que responderá o questionário foi escolhida por estarem inseridos no contexto da pandemia da COVID-19, que é uma das hipóteses citadas no tópico 4, que especula sobre a pandemia da COVID-19 em 2020 ser o porquê dos adolescentes terem perdido a habilidade de socializar.

9 CRONOGRAMA

Atividades 2024.1	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.
Revisão e correção do projeto a partir das considerações da banca	X	X			
Processo de autorização do IFSC para a pesquisa com seres humanos				X	X
Aprofundamento do tema e revisão bibliográfica		X	X	X	X
Elaboração do questionário		X	X	X	

Atividades 2024.1	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.
Revisão e correção do projeto a partir das considerações da banca	X	X			
Processo de autorização do IFSC para a pesquisa com seres humanos				X	X
Aprofundamento do tema e revisão bibliográfica		X	X	X	X
Elaboração do relatório parcial				X	X
Apresentação do relatório parcial					X

Atividades 2024.2	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Aplicação do questionário	X	X				
Análise e interpretação de dados		X	X	X		
Produção do relatório final			X	X	X	X
Apresentação do relatório final						X

REFERÊNCIAS

ALTER, Adam. **Irresistível: Por que você é viciado em tecnologia e como lidar com ela.** [s.l.]: Objetiva, 2018.

ARAÚJO, Leila Márcia Guimarães; MOREIRA, Rosana Mendes Maciel; SILVA, Luciana de Araújo Mendes. O uso de celulares na adolescência e sua interferência nas relações interpessoais nesta fase. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 11, n. 13, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/35644/29738>. Acesso em: 19 out. 2023.

BARROS, Viviane Fernanda da Silva; OLIVEIRA, Raissa Adriana da Silva Gomes de; MAIA, Robson Borges; NILMA, Fernandes; ALMODIN, Edna Motta. Efeitos do uso excessivo de telas eletrônicas na visão e no estado emocional. **Revista Brasileira de Oftalmologia**, Paraná, v. 80, n. 5, p. 1-6, 27 out. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbof/a/WD5LpDPp5vyKgcCCvy3jPgt/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

CÂMARA, Gislene Clemente Vilela; SOARES, Samara Sousa Diniz. Tecnologia e subjetividade: Impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes. **Pretextos: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Minas Gerais, v. 1, n. 2, p. 204-223, 01 dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13619/10513>. Acesso em: 09 nov. 2023.

FORTIM, Ivelise; ARAÚJO, Ceres Alves de. Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 33, n. 85, p. 292-311, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v33n85/a07.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

LIMA, Maria Géssica; SOUSA, Felipe Neris. O uso excessivo de telas por crianças e adolescentes: Uma análise do contexto da covid. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, [s.l.], v. 8, n. 2, 2023, p. 90-108. Disponível em: <http://relise.eco.br/index.php/relise/article/view/673/752>. Acesso em: 20 out. 2023.

LOPES, Rosa Guedes; SADALA, Maria da Glória Schwab. O processo de socialização e o papel atual do psicanalista como parceiro da família e da escola. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 74-85, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v12n2/v12n2a07.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MANGUEIRA, Liane Franco Barros; NEGREIROS, Ricardo Andre Medeiros; DINIZ, Margareth de Fátima Formiga Melo; SOUSA, José Kenio de. Saúde mental das crianças e adolescentes em tempos de pandemia: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s.l.], v. 12, n. 11, p. 1-8, 27 nov. 2020. Disponível em:

<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4919/3249>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MORILLA, Jéssica Leitão; VIEIRA, Gabriella Cassago; DANTAS, Carolina Nishiwaki; CASSAGO, Regina Márcia; PUCCI, Silvia Helena Modenesi; GOBBI, Débora Rita. Nomofobia: uma revisão integrativa sobre o transtorno da modernidade. **Revista de Saúde Coletiva da UEFS**, Feira de Santana, v. 10, n. 1, p. 116-126, 2020.

Disponível em:

<https://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/6153/4821>. Acesso em: 27 fev. 2024.

PAIVA, Natália Moraes Nolêto de; COSTA, Johnatan da Silva. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça. **Psicologia pt o portal dos psicólogos**, [s.l.], v. 1, p. 1-13, 2015. Disponível em:

<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf> Acesso em: 12 set. 2023.

PINHEIRO, José Maurício dos Santos. **Da iniciação científica ao tcc: Uma Abordagem para os Cursos de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda, 2010.

PRICE, Catherine. **Celular: como dar um tempo: O plano de 30 dias para acabar com a ansiedade e retomar a sua vida**. 1 ed. São Paulo: Fontanar, set. 2018.

REIS, Elismar Vicente; TOMAÉL, Maria Inês. A geração z e as plataformas tecnológicas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 371 – 388, 2017.

Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31460/22018>. Acesso em: 03 mar. 2024.

ROLNIK, Ariel Lorber; SHOLL-FRANCO, Alfred. As profundezas do vício: "Quando eu quiser, eu paro!". **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 146-149, nov. 2006.

Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000300016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 mar. 2024.

ROSSI, Túlio. Isolamento, interação e socialização: uma abordagem sociológica da suspensão do ensino presencial na formação de crianças e adolescentes. **ORG & DEMO**, Uberlândia, v. 22, n. 2, p. 103-118, dez. 2021. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/orgdemo/article/view/12452>. Acesso em: 23 out. 2023.

Significado de Multifacetado, Dicionário Online de Português. Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/multifacetado/>. Acesso em: 27 fev. 2024.

SILVA, Braian Bruno da; LEITE, Cássia Soares; COSTA, Ederson Ribeiro.

Dependência de tela - A patologia do século XXI: uma revisão narrativa. [s.l.], [s.v.], p. 1-15, 2022. Disponível em:

<https://unisaesiano.com.br/aracatuba/wp-content/uploads/2022/01/Artigo-Dependen>

cia-de-tela-A-patologia-do-seculo-XXI-uma-revisao-narrativa-Pronto.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

SOARES, Samara Souza Diniz; C MARA, Gisele Clemente Vilela. Tecnologia e subjetividade: Impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 204 - 223, 01 dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13619/10513>. Acesso em: 19 out. 23.

SOUSA FILHO, Paulo César Borges De; OLIVEIRA, Sanmyo Martins; SILVA, Marcello De Alencar Silva. Impacto do uso de dispositivos emissores de luz azul na qualidade do sono de crianças e adolescentes em meio a pandemia Covid-19. **Revista Saúde.Com**, Centro Universitário UNIFACID, v. 18, n. 2, p. 2687-2693, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/9774/6966>. Acesso em: 25 out. 2023.

TANA, Caroline Mundim; AMÂNCIO, Natália de Fátima Gonçalves. Consequências do tempo de tela na vida de crianças e adolescentes. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 1-7, 04 jan. 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/39423/32439>. Acesso em: 19 mar. 2024.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. O celular na escola e o fim pedagógico, **Educ. Soc.**, Campinas, v. 39, n. 143, p. 419-435, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/pL4Qxj8XbMVFCY4XvZJtzzf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.